

## **OS MELANCÓLICOS 20 ANOS DE 1964**

Luiz Carlos Bresser-Pereira

*Folha de S. Paulo*, 03.04.1984

O discurso do presidente Figueiredo, no último 31 de março, comemorou de forma melancólica e autoritária os 20 anos do golpe de Estado que depois se transformaria na Revolução de 1964. Desmoralizado, sem representatividade popular nem legitimidade na sociedade civil, o regime autoritário então instalado no Brasil foi condenado definitivamente ao desaparecimento pela campanha cívica pelas eleições diretas ora em curso. Procura, no entanto, sobreviver ou adiar sua extinção. A “abertura” lenta e gradual não foi outra coisa senão isto. E agora o discurso do presidente Figueiredo, defendendo eleições indiretas agora e diretas para daqui a alguns anos, é mais uma demonstração dessa tentativa desesperada de um grupo de manter o poder para si contra a vontade da nação.

O discurso pretende colocar uma pá de cal na campanha das eleições diretas. Imaginando que ainda tem o poder ditatorial de seus antecessores, afirma o presidente como se dependesse apenas dele essa decisão: “manterei, pois, a eleição indireta para meu sucessor”.

Ora, seria mais adequado que o presidente falasse que procurará manter a eleição indireta, já que a decisão não caberá a ele, mas ao Congresso. E no Congresso, ainda que a vontade do presidente seja pesada, não é mais todo-poderosa.

Na verdade, esse discurso, com a promessa de eleições diretas em dois turnos para o futuro, revela o medo do governo de que a emenda Dante de Oliveira seja aprovada. É uma forma de justificar os deputados e senadores do PDS perante seus eleitores para que, no dia 25 e abril, não dêem quorum para a votação da emenda.

Não obstante, as probabilidades da emenda das diretas ser aprovada continua a aumentar. O povo continua nas ruas e as classes dirigentes cada vez ficam mais convencidas de que a estabilidade futura do regime capitalista no Brasil só poderá ser garantida através de eleições diretas agora. A pressão democrática sobre os congressistas do PDS, partindo de seus eleitores e de suas bases partidárias é crescente.

É perfeitamente compreensível, pois, o medo do governo. Compreensível ainda que irracional ou antinacional já que a sociedade, ao se entregar de corpo e alma às eleições diretas quer, sim, pôr um ponto final ao regime autoritário de 1964, mas quer fazê-lo de forma pacífica e democrática.(03/04)